



CRÔNICAS E VERSOS EM FRAGMENTOS: PERCEPÇÕES DA CAPITAL PAULISTA NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

Beatriz Rodrigues¹

Doutoranda em História e Cultura Social
UNESP-Campus Franca

RESUMO

Este artigo reflete e problematiza a cidade de São Paulo por meio de alguns textos que foram publicados em periódicos paulistanos nos primórdios do século XX. Parte dos textos selecionados funciona como crônica da cidade e o restante do material é composto de poesia de caráter cômico. Ainda que o gênero seja distinto, ambas são fontes inspiradoras para pensar as cidades, posto que tragam uma forte reflexão sobre o cotidiano da capital paulista. O objetivo não é utilizar os textos para representar uma imagem única e acabada da cidade ou o passado. A literatura enquanto prática cultural aparece neste artigo de modo a reviver a história de São Paulo na medida em que transmite percepções e sensibilidades da realidade.

Palavras-chave: cidade; São Paulo; história.

ABSTRACT

This article reflects upon and discusses some issues about São Paulo city, through the exam of some texts, which were published in some of the city's early 20th century periodicals. Part of the selected texts work as “crônicas” of the city, while the rest of the material is composed of poetry of comic nature. Even if the genres are distinct, both are the inspiring sources for thinking the city, because they bring a strong consideration of São Paulo's daily life. The aim is not to use the texts to represent a finished, single image of the city or of its past. Literature as cultural practice is developed in this article as a way to relive São Paulo's history as it transmits reality perceptions and sensibilities.

Keywords: city; São Paulo; history.

Introdução

As cidades, como o tempo, as mulheres e as paixões, vão mudando sempre. A diferença está em que, naquellas, a mudança é um sinal de revigoramento. A humanidade, na mudança, envelhece. (CHRONICA, 1924, p. 23)

O autor do fragmento acima retirado do periódico *A Cigarra* põe em evidência o que pensa sobre as cidades e suas mudanças ao longo do tempo. Com uma visão bastante otimista em relação ao desenvolvimento urbano, o escritor expõe uma forma possível de interpretar a realidade. Assim como esse, diversos outros textos foram publicados pela imprensa paulistana com o objetivo de pensar sobre a capital do início do século XX. As imagens que foram edificadas sobre São Paulo descortinam um panorama de reminiscências e experiências do passado e oferecem material privilegiado para a reflexão das percepções da famosa Paulicéia.

Neste artigo, por meio de alguns textos publicados pela imprensa paulistana nas duas primeiras décadas do século XX, seremos levados a reviver o passado da cidade de São Paulo refletindo sobre a forma como seus próprios habitantes interpretaram-na. Para iniciar os debates, apresento alguns textos em formato de crônica. Era naquele momento que a crônica tornava-se um veículo de notícias trazendo aspectos do dia a dia combinada à rapidez da comunicação. Muitos escritores passaram a registrar o cotidiano por meio delas, citemos apenas alguns deles: Afonso

Arinos, Coelho Neto, Amadeu Amaral, Oswald de Andrade, Monteiro Lobato e Olavo Bilac. Leve e de fácil compreensão, ela une literatura, jornalismo e história, reproduzindo as sensibilidades de uma determinada época.

É preciso salientar que os registros dos acontecimentos por meio da crônica ora se faziam de modo mais literário, ora de modo mais jornalístico. De fato, é difícil definir a crônica, afinal de contas, ela é um gênero ligado à narração individual e subjetiva muito próxima a outros gêneros, tal como ensaios, contos e cartas, por exemplo. Longe de buscar uma definição para o gênero, consideramos aqui o hibridismo como uma de suas características por excelência. Para Moisés Massaud (2003), a crônica é um gênero ambíguo, transitório entre literatura e jornalismo. Ela possui características inerentes aos periódicos, tendo em vista que o jornal é seu suporte, porém, suas características narrativas são diferentes, abertas a diversas possibilidades, transmitindo ao leitor uma leitura do tempo.

Além das crônicas, passaremos em um segundo momento a analisar outro gênero textual encontrado na imprensa paulistana que também se ocupou em refletir o cotidiano da cidade. Trata-se de textos em versos que compõem espécies de poesias caipiras. Essas poesias aparecem nos periódicos em formato de cartas que eram enviadas a amigos,

familiares ou endereçadas à própria redação do periódico. O aspecto carta é interessante, pois dava um tom de veracidade para os fatos que eram narrados, ainda que os textos guardassem seus aspectos ficcionais.

Representando parte da população do interior que passara a viver na capital naquela época, o caipira, narrador e personagem das histórias contadas em versos, garante a irreverência desses textos, como se verá melhor adiante. O aspecto cômico, porém, está longe do “riso pelo riso”. Através do humor, sobretudo por meio da ironia, eles apresentam críticas contundentes, reflexivas e extremamente críticas sobre a capital paulistana.

As crônicas impressas

As crônicas que foram publicadas nos periódicos nos interessam na medida em que se aproximam da vida cotidiana da cidade de São Paulo. Antes de investigá-las propriamente, vale lembrar que os anos finais do século XIX e as duas primeiras décadas do XX foram considerados por muitos um período eufórico. O entusiasmo estava ligado às transformações europeias, sobretudo as que estavam ligadas ao que ficou conhecido como Segunda Revolução Industrial, ocorrida por volta dos anos 1870.² Mergulhada em um processo de transformações intensas, São Paulo era reconhecida por suas mudanças

sociais, políticas, econômicas e científico-tecnológicas. Tratava-se de uma época de progresso material, causado principalmente pelo aumento da produção de café e possibilitado pela melhoria nos transportes.

Muitos aspectos e costumes da feição tradicional da capital foram sendo eliminados e substituídos por estilos universalmente consagrados e mais de acordo com a feição europeia. O urbanismo caracterizava-se pela modernização da infraestrutura e dos serviços. As construções multiplicavam-se, bairros eram construídos e o centro, parte nobre da cidade, era o maior beneficiado.³ Passando a constituir-se como sede do governo, centro de comunicações, indústria e comércio, a capital recebia muitos imigrantes, fazendo com que sua população aumentasse de forma significativa. Para se ter ideia, em 1890 havia 64.934 habitantes e em 1920 o número cresce para 579.033, dos quais dois terços eram pessoas advindas de outros países segundo Warren Dean (1978, p. 101).

Era diante desse cenário de efervescência que muitos cronistas publicaram suas reflexões sobre a capital. Não se tratava apenas de representar a urbes, seu modo de vida, economia e política, mas de discutir a própria imagem e identidade de São Paulo. Era como se houvesse uma espécie de discussão tácita sobre o que era a São Paulo daqueles tempos. Dentre as questões debatidas, as principais eram: São Paulo é a

cidade que mais cresce no mundo? Ela pode ser considerada “superior” ao Rio de Janeiro? Ela pode ser comparada à Londres ou Paris? Os paulistanos são civilizados? Eles são suficientemente elegantes? As ruas são bem calçadas? O teatro é moderno? A cidade possui lugares destinados à arte e o entretenimento? Os valores dos paulistanos continuam os mesmos?

Diante dos diversos questionamentos, era de se esperar que as opiniões fossem distintas e contraditórias. De todo modo, pensar a cidade de São Paulo, bem como uma definição para ela, fazia parte dos periódicos da época e os escritores precisavam de algum modo posicionar-se. Assim sendo, vamos começar por analisar trecho de um texto que fora publicado por Jayme Gama, cronista de *O Pirralho*, sobre o grau de desenvolvimento da cidade:

A nossa capital já é um centro onde as manifestações da vida mundana se fazem sentir fortemente. Já não somos os tristes moradores de uma cidade provinciana que as nove horas da noite dormia a somno solto depois dos mexericos através das rotulas ou à porta das farmácias. Não temos porém a vida de Paris ou Vienna ou mesmo a de Buenos Ayres ou Rio de Janeiro, mas lá chegaremos. (GAMA, 1911, p. 10)

De acordo com Jayme Gama, São Paulo era, sem sombra de dúvidas, uma cidade desenvolvida. Ela possuía uma espécie de feição provisória, distante do modo de vida colonial, mas ainda não caracterizada pela

vida acelerada dos grandes centros urbanos europeus. Questões como essas, que refletiam o grau de desenvolvimento da cidade, eram importantes na medida em que definia o quanto ela era ou não civilizada, o quanto ela representava ou não o progresso. Antes de tratar dessas e outras questões, vejamos trecho de outra crônica publicada em 1924 por *A Cigarra*, famosa revista destinada ao público feminino da época e que segue a mesma ideia do texto comentado anteriormente:

É exemplo S. Paulo. Para que attingisse ao seu actual esplendor, quanta vitalidade, quanto trabalho heroico, quantas lutas formidandas e gloriosas, quantos esforços anonymos e obscuros! Porque, para que uma cidade progrida sempre, é preciso que o povo que a habite tenha nas veias o impulso que não pára. S. Paulo, remoçada todos os dias, é o espelho vivo da alma forte do seu povo. (CHRONICA, 1924, p. 23)

220

Nesse caso, São Paulo aparece como um exemplo a ser seguido pelas outras cidades. Seu progresso era da responsabilidade dos paulistanos, já que era graças à energia ousada, à febre de trabalho e o amor que cada um dedicava ao lugar, que ele havia se desenvolvido. Os paulistanos tornaram “cada logar ermo um recanto bello e aprazível. Onde era um rio surgiu um jardim, onde era uma varzea, como que por encanto, uma praça elegante.” (CHRONICA, 1924, p. 23)

O tom laudatório dos cronistas, especialmente os de *A Cigarra* em relação à

capital paulista, é patente. Qualquer traço, seja ele material ou cultural, que interligasse a cidade ao progresso, era encarado com otimismo, opinião compartilhada por muitos na época. A iluminação, a circulação de automóveis, a nova aparelhagem tecnológica e os novos lugares de divertimento eram veiculados e aclamados.

Ao prosseguir com a leitura da crônica publicada por *A Cigarra*, percebemos que o progresso não era suficiente por si só. Era necessário que as pessoas se orgulhassem da cidade e ostentassem tamanha grandiosidade:

Não satisfeito com ser a sua cidade uma das mais formosas e elegantes, o paulistano ou, melhor, os que a habitam e nella exercem a sua actividade, os que mandam e os que obedecem, querem que ella ostente bem visível a sua grandiosidade. Surgem palacetes de architectura moderna em todos os pontos, em todas as praças, a affirmar que não páram as nossas aspirações de progresso. Os predios que se constróem ultimamente, á maneira dos da America do Norte, de oito a dez andares, dão a S. Paulo uma elegancia sóbria, muito ao jeito paulista. Isto no centro. Nos bairros aristocraticos, as construcções são de belleza surprehendente. Dá gosto vel-os, nas lindas avenidas por onde passeia o bom tom. (CHRONICA, 1924, p. 23)

Quando observamos esses textos, as questões mais facilmente visíveis são, certamente, o retrato da cidade que eles compõem. Eles iluminam o passado, demonstram a maneira como muitas pessoas da época encaravam o progresso material e a mudança nos costumes com bastante otimismo e euforia. Esses fatos são

importantes, mas eles não abarcam por completo o que esse material pode nos trazer sobre o passado. Para continuar nossa reflexão, poderíamos questionar: qual o tipo de intervenção cultural ou política que esses textos constituem? Quais aspectos da cidade de São Paulo esses documentos procuram ressaltar e quais acabam por obscurecer?

Um primeiro ponto a ser mencionado diz respeito ao discurso civilizatório e cosmopolita, que privilegiou frequentemente o progresso, a ciência moderna, as inovações tecnológicas, o branqueamento da raça, o saneamento, além de outras medidas modernizantes apreciadas na época. As autoridades estavam preocupadas em oferecer slogans encorajadores que fossem correspondentes com a nova vivência. Diversas imagens, músicas, pôsteres, textos literários, fotografias, além de outros, enchiam as páginas dos periódicos com imagens progressistas. A ideia de que “São Paulo era a cidade que mais crescia no mundo”, que “São Paulo não podia parar”, que “São Paulo não adormecia”, além de diversos outros clichês, quase viraram parte da natureza da própria cidade e das relações cotidianas.

Ora, não são justamente as imagens criadas em torno das cidades que compõem sua identidade? O que pensavam os habitantes da São Paulo do início do século XX a respeito da própria cidade ao depararem-se

com visões prontas da capital que eram tão excessivamente repetidas pelos periódicos por meio de imagens, notícias, textos literários, dentre tantos outros?

Em relação a essa questão, Ana Luiza Martins (2008, p.32) afirmou que as revistas periódicas vendiam um determinado ideário e que tudo ficava muito bem “disfarçado” em suas páginas, já que elas “matizavam a realidade, veiculando imagens conciliadoras de diferenças, atenuando contradições, destilando padrões de comportamento, conformando o público leitor às demandas convenientes à maior circulação e ao consumo daquele impresso”. Seguindo a mesma linha de pensamento, Flora Sussekind (1986, p. 74), ainda que se referisse ao Rio de Janeiro, afirmou que foi via revista que se originou em parte o “olhar moderno” em direção à cidade, representada como utópica, teatralizada e cenográfica. “Um olhar treinado por passagens rápidas pelo palco de personagens os mais diversos, pelo surgimento e desaparecimento de monumentos, praças, edifícios, pelas freqüentes ‘mutações’”.

Tendo em vista a capacidade dos periódicos de matizar a realidade de acordo com circunstâncias comerciais, políticas, além de diversas outras, é que damos continuidade à análise das crônicas. Para tanto, é importante que pensemos acerca de algo bastante em voga naquela época: as noções de civilização e civilidade. Vejamos parte de um

texto que fora publicado no ano de 1911 pela revista *A Tarde* sobre o grau de civilização da capital:

São Paulo civiliza-se embora lentamente. Começamos pelo assombroso progresso material. Cresceu a cidade, ruas novas apareceram, em toda a parte ergueram-se deliciosas vivendas e alguns palácios de apurado gosto archtectonico. Já se não dorme á bocca da noite. Funcionam os theatros, já existem uns prenúncios de vida elegante. Já é muito mais não é tudo. Falta-nos muito. A imitação de Paris já temos soldados de bastão branco na mão. Fomos até além, muito além da cidade-luz [...] Paris tem o Bois, Londres o Hyde-Park. Pois bem nós temos a Antarctica e breve inauguraremos o parque da Avenida. Tudo isso demonstra que não nos falta boa vontade. Queremos ser elegantes e havemos de chegar até lá a despeito de mil ridiculos “rastaquerismos”. E porque não? (EPAMINONDAS, 1911, não paginado)

222

A imagem otimista projetada à São Paulo fica patente com a leitura do trecho. O progresso material, acompanhado do aspecto moderno e elegante de seus habitantes, compunha a representação de uma cidade civilizada. Em alguns casos, o escritor compara a capital à Londres e Paris em tom de igualdade, e em outros, ela é superior às capitais europeias. São Paulo civilizava-se na medida em que crescia fisicamente, suas ruas e obras arquitetônicas eram construídas, a vida noturna era intensificada, as pessoas tornavam-se elegantes e assim por diante. Percebe-se que em uma cidade como São Paulo, ser civilizado era um requisito para a elite e para aqueles que almejavam um lugar de destaque na sociedade.

O estilo de vida influenciado pelo cosmopolitismo, com hábitos de consumo e lazer dos grandes centros urbanos e inspirado pelo modelo de família burguesa estava fortemente pautado pela ideia de civilização. Em oposição e como uma espécie de resposta à publicação de *A Tarde*, o periódico *O Parafuso* declarava seu posicionamento:

Vivem os chronistas elegantes de S. Paulo apregoando alacramente, pelas columnas de nossa <independenterrima> imprensa que S. Paulo se civilisa e pode trocar as cristas co a <haute gomme> de Paris ou Londres, sem receio de ficar colocado em posição inferior. Comparam o escanifrado curso da Avenida Paulista com os do Bois de Boulogne ou Hyde Park! Já é topete! Sim, porque a verdade manda que se afirme ser a nossa vida elegante apenas um plágio, um arremedo mal feito uma copia borrada, uma imitação grosseira do que se passa na alta sociedade dos paizes cultos que realmente atingiram os pináculos da civilização hodierna. Estamos em pleno periodo de imitação em matéria de hábitos e modas e si não assimilamos bem ainda, é por culpa da ineptia arrogante e tola dos nossos diretores mundanos.
(FOUQUIÉRES, 1915, não paginado.)

Percebe-se nesse caso que o autor reconhece que a cidade de São Paulo ainda não era civilizada como afirmara o cronista de *A Tarde*, tal como Paris ou Londres e que o atraso era justificado pela má administração política. Ou seja, não se condena o fato de a capital estar sendo comparada à civilização Ocidental. Longe disso, condena-se apenas o grau em que essa comparação é exercida, já que na dita marcha civilizatória, a cidade não

havia atingido ainda os pináculos da civilização hodierna como propunha o cronista de *A Tarde*.

De acordo com Robert Moses Pechman, (1997, p. 102) o termo “civita” (cidade) abre-se para “civis” (cidadão), “civilis” (civil), “civilitas” (civildade), “civilisé” (civilizado) e finalmente para “civilization”. As palavras latinas estariam fortemente vinculadas à cidade, indicando que é por meio dela que se civiliza. Norbert Elias (2011, p. 23) lembrou que “o conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes”. Para o autor, é difícil resumir em algumas palavras tudo o que se pode descrever com esse conceito, já que “rigorosamente falando, não há que não possa ser feito de forma 'civilizada' ou 'incivilizada'”.

Jean Starobinski (2001) também afirmou que civilização não se refere apenas às maneiras de polidez, urbanidade e difusão do conhecimento. É no século XIX que o termo passava a estar relacionado à ideia de processo baseado no pensamento iluminista das etapas do avanço científico. Civilização passaria a ser, portanto, mais que um estado, seria na realidade um estágio de um processo que deveria ser seguido pelas outras nações. Embora o conceito não signifique a mesma

coisa em todos os lugares, dizia respeito, grosso modo, à maneira como a sociedade ocidental descreveu-se; aquilo de que se orgulhava, o nível da tecnologia, o desenvolvimento da cultura científica e assim por diante.

Desse modo, quando nos deparamos com os diversos textos literários que foram publicados pela imprensa a respeito da própria cidade, é importante atentar para as questões que emergem do discurso. Os termos civilização e civilidade, que aparecem com tanta frequência nas revistas, não eram gratuitos. Eles não se referiam apenas à polidez e ao modo de viver, como bem salientou Jean Starobinski (2001). Eles estavam associados a um processo de classificação da cidade de São Paulo e do Brasil como um todo em relação ao mundo europeu. Se São Paulo era a cidade que mais crescia e se modernizava no país, era de se esperar que ela fosse a representante brasileira na corrida ou marcha civilizatória. Foi nesse sentido que muitos cronistas, intencionalmente ou não, corroboraram para a construção desses discursos. Aliás, a circulação literária era um recurso importante para a regeneração de um povo considerado atrasado por muitas pessoas. Desse modo, ao lado de jornalistas, críticos, políticos, artistas, além de outras figuras atuantes, os escritores imiscuíram-se nesses debates recriando a realidade, algo absolutamente compreensível,

posto que a arte e a literatura sejam partes culturais dessa realidade.

É evidente que as imagens da cidade que foram expressas pelas crônicas estão relacionadas ao universo do próprio escritor e também do periódico em que foram publicadas. Porém, devido ao fato deste artigo lidar com um número significativo de escritores e periódicos e muitos deles serem assinados por pseudônimos, prática comum naquela época, uma análise mais minuciosa e individual não será realizada em relação a eles. Ademais, vale a pena destacar em relação aos textos literários, retomando a reflexão realizada por Roland Barthes (2004, p. 04-05), que dar um autor ao texto é como impor a ele um mecanismo de segurança, é dotá-lo de significado; é como se um texto fosse explicado a partir do momento em que seu autor é descoberto. Barthes (2004, p. 05) sinaliza para o fato de que a autoria dos textos propriamente dita não modifica a percepção que os escritores tiveram da realidade: “um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação”.⁴ É no leitor e não no autor que a multiplicidade se reúne, já que é nele que todas as citações de uma determinada escrita é feita: “a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é

apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito.”

Ao relatar as percepções que as pessoas tiveram da realidade, colocando a autoria dos textos em um segundo plano, procuramos dar destaque para o fato de que a modernidade paulistana engendrou realidades, vivências e sensibilidades múltiplas. Esses textos representam formas de posicionamento e compreensão do mundo urbano. Como vimos, muitas crônicas corroboraram com a visão progressista da cidade. Porém, nem tudo eram conformidades. Afinal, as cidades eram e são contraditórias demais para que as opiniões sobre ela sejam tão homogêneas.

A cidade em versos caipiras

No intuito de demonstrar as diferentes maneiras pelas quais os escritores registraram a cidade, é que seguimos perscrutando algumas fontes. Para tanto, passaremos a analisar a partir de agora os versos caipiras que foram apresentados em formato de carta e veiculados por diversos periódicos paulistanos. Ainda que revestidos pelo linguajar do homem do interior, esses textos trazem a tona questões, problemas e sensações da capital paulistana de forma humorística e crítica.

Para começar, analisemos duas poesias que foram publicadas pelo periódico *O Sacy*,

fundado por Cornélio Pires no ano de 1926. As duas poesias foram publicadas lado a lado na primeira edição da revista. Uma delas aparece escrita no português padrão e a outra aparece revestida pela linguagem do caipira, mas ambas retratam a rua XV de novembro, localizada no centro da cidade. Vejamos inicialmente alguns trechos da poesia que fora publicado na sessão “Sacy Elegante” assinada pelo pseudônimo EGO:

A rua Quinze! Que tormento!
cores, perfumes, seduçções ...
num celestial desvairamento
tem-se de prompto, de momento,
mil deliciosas sensações... [...]

Tem a politica os seus ninhos
na rua Quinze, e há quem “badalle”
nas excellencias do Carlinhos
com mais furor que o Freitas Valle...

E vem a moda, e as melindrosas
discutem moda feminina,
glosando as vestes vaporosas
da Belmirinha... ou as da Dulcina. [...]

Chega-se á praça, Antonio Prado
e a “saparia”, em frenesi,
vae tomar “whisky” e vêr o “gado”
na Bresserie.

Depois acalma-se a cidade
á luz mortíça dos lampeões...
segue-se no Esplanada
e a “boia” cara nas pensões.
(EGO, 1926, p. 15)

A Rua XV de Novembro no início do século XX era considerada a rua mais “chique de São Paulo”. Em conjunto com as ruas Direita e São Bento, formava o conhecido triângulo, o coração da capital, onde se localizavam os principais bancos, além do comércio e cafés elegantes. A poesia

publicada na sessão “Sacy Elegante” parece corroborar com a imagem positiva da rua, já que ela aparece como sinônimo de moda, elegância, boêmia, política e assim por diante.

Na mesma página dos versos anteriormente citados, temos a publicação da sessão intitulada “Sacy caipira” assinada pelo pseudônimo MANDUCA. Nela, o escritor traça um panorama da Rua XV de Novembro de modo irreverente, sobretudo devido à utilização do dialeto caipira:

Vortei p’ra rua abaxo,
de nome que bem se alembro,
tinha um deluvio de gente:
rua 15 de Novembro.

Nua rua tão centrá,
se chove é ua atrapaiada...
Os dono das caza é pobre
é só buraco as carçada.

É tudo póça de lama,
os passeio esburacado,
fui p’ro hoté núa derrama,
c’o pareio imporcaiado

P’ra não pisá nos buraco,
só se anda oiiano no chão,
me dissero que tá ansim
depois que saiu Xintão.

Isso é prano do guverno,
o seo redactô num acha?
Pra fazê os polistano
andá de cabeça baxa.
(MANDUCA, 1926, p. 15)

Para MANDUCA, a Rua XV de Novembro era cheia de gente e seus moradores eram, na realidade, pessoas humildes. Quando chovia, a cidade ficava em situação lastimável por conta da lama e dos

buracos, fato que, aliás, levou o escritor a fazer a associação com o aspecto político. Foi em tom humorístico que ele questionou: “O problema da lama e dos buracos deixariam de ser solucionados de modo proposital pelo governo para obrigar os paulistanos a andarem de cabeça baixa?” Além de demonstrar a maneira como percebia a rua e por consequência a cidade, o escritor ironizava a atuação do prefeito na época, a saber, José Pires do Rio, indicando a vida humilhante que parte da população levava.

É importantíssimo destacar o dialeto em que estes versos apresentaram-se. O linguajar estropiado, simples e popular do matuto se opunha a linguagem rebuscada e elegante de muitos discursos da época, sobretudo de muitos literatos e políticos que defendiam os cânones gramaticais, sendo avessos a tudo que se afastasse da linguagem culta. Sobre a questão, vale lembrar que a língua francófona era muito utilizada, tanto na fala, quanto na imprensa. Falar francês era sinônimo de elegância e ao folharmos os jornais e revistas da época, encontramos diversos anúncios escritos nessa língua. Nesse sentido, representar a rua XV de novembro com o dialeto caipira já indicaria uma espécie de subversão de ideias ou valores.⁵

Além desses aspectos, temos a questão humorística. A comicidade nasce do estranho, do defeito, do contraste daquele que causa o riso, no caso, o caipira. O caipira era

engraçado e provocava “estranheza” porque estava em um lugar que supostamente não era o seu. Ele simbolizava elementos morais ligados ao mundo rural, considerados *démodé* para a sociedade industrial e urbana da *belle époque*.

Ainda que o caipira possa ser considerado uma peça fora do lugar quando pensado do ponto de vista humorístico, é preciso lembrar que São Paulo vivia um intenso processo de transformação e desenvolvimento. Com a chegada em massa de imigrantes, a própria população paulistana diversificara-se muito. Caipiras, italianos, espanhóis, dentre outros, não poderiam mais ser considerados estrangeiros, pois, afinal, eles passavam a fazer parte da nova cidade.

Assim sendo, os versos acima não significam apenas pelo que dizem, mas também pela maneira como o fazem. O dialeto caipira, quando pensado aliado ao conteúdo da poesia de caráter cômico, demonstra que a cidade não era apenas, como desejavam muitos, a cidade afrancesada, do progresso, das ruas modernas e largas, dos edifícios e casas monumentais, da moda e assim por diante. São Paulo também era a cidade do barulho, da confusão, da sujeira, dos buracos, da lama, do caipira, do pobre, dentre outros atributos considerados negativos por muitos.

As poesias caipiras, quase sempre apresentadas em redondilha maior, traziam

uma versão distinta e muitas vezes dicotômica da cidade de São Paulo quando comparadas às crônicas analisadas anteriormente. Por meio da linguagem do homem do interior, elas discutiam o processo de modernização urbana, refutando muitas das transformações econômicas, culturais e políticas aclamadas na época. Vejamos outro trecho de uma dessas poesias que fora publicada por *O Pirralho*. Nela, o escritor e também protagonista da história narrada em versos, conta suas impressões quando da chegada à capital, como sempre, de forma irreverente:

Honti cheguei de viáje
N'este mundão di cidádi.
Num lhi conto nada! Quáji
Fiquei lôco,-sio cumpádi!...
Qui povaréo! Qui barúio! ...
Nunca vi tanto sordádi! ...
Quáji murrì nessi imbrúio!...
Carro p'ra aqui, pr'a acolá;
É bondi p'ra aqui, p'ra ali,
- Um barúião di esquentá! ...
Nem sei cumo num murrì! ...
Eu tava tonto qui nem
Minhoca nu furnigüero.
(FIGUERÊDO, 1912, não paginado)

227

Nesse caso, o caipira representa um olhar de fora. Trata-se de alguém de acaba de chegar à capital, que fica estarecido com a mudança e que compreende a ideia de civilização e civilidade por uma perspectiva diferenciada. O escritor, que se torna personagem da história que cria, demonstra que o famoso progresso, tão aclamado em São Paulo, não era benquisto por todos, ao menos não do modo como vinha se desenvolvendo.

O movimento e o barulho excessivo, a quantidade de automóveis, o trânsito provocado por eles, o perigo nas ruas, além de diversos outros atributos tidos como sinônimos de progresso, eram vistos pelo viés negativo. O cinema, o teatro, a fotografia e a moda eram outros elementos vistos com desconfiança.

O progresso por si só não era algo necessariamente ruim. O problema estava na maneira pela qual as pessoas passaram a conduzir suas vidas. Para encerrar a análise das poesias, vejamos alguns versos que foram publicados por *A Cigarra* a respeito dos costumes paulistanos:

Tenho muito pra dizê,
O São Paulo tá perdido
C'umas coisa que sê.

Um povo muito vaidoso
Esse que ezêste por cá,
Vestido cheio de luxo,
Cum rôpa muito imorá.
Tem vaidade em tudo lado,
Té nos modos di fala:
Falam tudo assobiado,
Que nem pode se escutá.

Mais, porém, meu compade,
O pió qui eu vejo aqui,
São os rapais inlegante,
Que se trata por dandí.
Esses moços são vaidoso.
Maior peste ainda não ví.
Pois se aperta de colete,
E fica que nem saguí.
(SABARÁ, 1917, não paginado)

O termo dândi, que aparece no fragmento, representa o típico homem que muitos paulistanos desejavam ser: de boa aparência física, bem trajado e de língua

refinada. A roupa, o modo de falar e suas atitudes, eram, por conseguinte, os revestimentos utilizados para construir a vertente do homem moderno, intensamente ironizado no texto. Para o escritor, os paulistanos eram vaidosos, cheios de luxo e falsas convenções. A preocupação excessiva com a aparência, o uso de terno e gravata, bem como sapatos apertados e maquiagem da moda, ainda que fossem sinônimos de elegância, não mudava a essência das pessoas.

Quando pensamos no padrão material de vida dos paulistanos a partir dos anos 1890, não podemos negar as melhorias. Porém, nem todas as pessoas puderam se beneficiar com o progresso urbano. As ruas do centro, por exemplo, eram constantemente melhoradas, enquanto ruas mais afastadas sofriam com o descaso da prefeitura. Como afirmou Richard Morse (1970, p. 253), apenas uma parte das pessoas podia aproveitar as mudanças, “graças ao nascimento, à sorte, aos empreendimentos ou à capacidade individual”. Outros “estavam percebendo uma resoluta descontinuidade entre a experiência pura e os ideais prevalecentes, fôssem êstes de republicanismo, catolicismo, positivismo, ciência, industrialismo ou, de maneira vaga para a maioria, “a idade moderna”.

São Paulo era a representante do moderno, do civilizado e do progresso, mas também do trânsito, do barulho e das calamidades. As pessoas viviam em um

mesmo espaço, mas as ambiguidades vividas na capital somadas a fatores de ordem cultural, social e econômica, faziam com que as pessoas vivenciassem realidades distintas e contrastantes simultaneamente. Aliás, são as experiências díspares vividas pelo ser humano que compõem a memória de São Paulo, já que no vivido, a práxis é contraditória. Nem todos interpretam a realidade da mesma maneira, ainda que pertençam a uma mesma realidade social e recebam as mesmas influências diariamente.

Conclusão

Em vias de conclusão, fica perceptível que havia um quadro ideal da cidade de São Paulo conforme demonstrado neste artigo, sobretudo por meio das crônicas e, por outro lado, existiam aqueles que percebiam em São Paulo uma realidade incômoda, suja, apertada, barulhenta, caótica e assim por diante. Visões opostas de uma mesma realidade justificadas por uma questão de perspectiva. Nem uma realidade nem outra podem ser consideradas verdadeiras, posto que ambas façam parte do que era a capital naquele momento. São as pessoas que diariamente registram suas vivências e visões de mundo e que compõem as diversas imagens que dispomos do urbano. Nesse sentido, além da cidade visual, tátil, temos diversas outras cidades que foram percebidas, compreendidas ou imaginadas

pelas pessoas que as registraram para a posteridade.

Os textos que foram utilizados neste artigo, tanto os que estão em formato de crônica quanto os que se apresentam em formato de poesias são formas de refletir e problematizar a cidade de São Paulo. Ainda que esses textos não sejam um mecanismo de conhecimento do real, eles são parte constituinte desse mesmo real, enquanto prática cultural. Mais do que representar a sociedade paulistana, os escritores serviram-se da palavra para significar o mundo à sua volta, ao mesmo tempo em que propunham intervenções por meio de seus discursos. Afinal, é sempre bom lembrar que, como bem comentou Daniel Faria (2006, p. 241), “o discurso é ação [...] O texto é acontecimento que, tendo este estatuto, pode inclusive ser interpretado historicamente, o que não significa que a literatura —institui o histórico, mas apenas que —ela é histórica.”

Os textos literários sobre a cidade de São Paulo que foram analisados neste artigo compõem imagens da capital paulista, dentre muitas outras que seriam possíveis. Os registros produzidos pelos escritores figuraram perspectivas históricas, formas de viver e perceber a cidade do início do século XX. Cada registro, cada imagem, cada poesia, cada crônica nos faz reviver, repensar e problematizar as cidades. Desse modo, os escritores registraram uma cidade em

constante transformação, que assim como hoje, desperta sentimentos diversos. Ademais, deixaram-nos imagens e testemunhos valiosos de um tempo incompleto que sempre pode ser lembrado por meio da história e que, portanto, permanece vivo em nós.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DEAN, WARREN. **A industrialização de São Paulo (1880-1945)**. 3. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1971.
- ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**. V.1: uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann: Revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FARIA, Daniel. **O Mito Modernista**. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. In: _____. **Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2008.
- MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo** (De comunidade à metrópole). São Paulo, Difel, 1970.
- PECHMAN, Robert Moses. Pedra e discurso: cidade, história e literatura. In: AAR, Flávio; MEIHY, José Carlos S. B; VASCONCELOS, Sandra G. T.. (Org.). **Gêneros de fronteira: Cruzamentos entre o histórico e o literário**. 1ed. São Paulo: Xamã, 1997.
- RODRIGUES, Beatriz. **Linguagens urbanas e modernidade na “Babel amalucada”**: cartas caipiras em periódicos paulistanos (1900-1926). Franca, 2015. 209 f. Dissertação (Mestrado em história). Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Franca, 2015.
- SEVCENKO, Nicolau. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v3.
- STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização: ensaios**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SÜSSEKIND, Flora. **As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FONTES

- CHRONICA. **A Cigarra**, ed. 241. 15 nov. 1924.
- EGO. Sacy elegante. **O Sacy**, São Paulo, n. 01, 08 jan. 1926.

EPAMINONDAS, Mario. Nota Elegante. **A Tarde**, São Paulo, n. 02, 05 ago. 1911.

FIGUERÊDO, Zéca Antonio. Carta minêra. **O Pirralho**, São Paulo, n. 67, 23 nov. 1912.

FOUQUIÉRES, Armand. Elegancias Paulitas. **O Parafuso**, São Paulo, n. 02, 06 mar. 1915.

GAMA, Jayme. A Vida mundana. **O Pirralho**, n. 01, 12 ago. 1911.

MANDUCA. Sacy caipira. **O Sacy**, São Paulo, n. 01. 08 jan. 1926.

SABARÁ, Purcheia do. Cartas de Nhá Purcheria, **A Cigarra**, São Paulo, n. 67, 31 mai.1917.

Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

⁵ Ao lado das cartas caipiras que pela linguagem pareciam ironizar aspectos ligados ao mundo das letras, podemos mencionar os diversos textos em linguagem macarrônica que também estiveram presentes em diversos periódicos da cidade de São Paulo. A linguagem macarrônica é caracterizada pela mistura de duas línguas distintas para fins de paródia. Tivemos textos que misturaram o português e o italiano – o mais comum deles já que havia muitos imigrantes italianos na capital -, o português do Brasil e o português de Portugal, o português e o alemão, além de outros de menor fôlego. A linguagem estropiada que aparecia tanto nas cartas caipiras, quanto nos textos macarrônicos fazia frente à escrita gramaticalmente correta e séria, ironizava a posição de muitos escritores e questionava a legitimidade da Academia Brasileira de Letras.

NOTAS

¹ É graduada e especialista em História pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre e doutoranda em História e Cultura Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus Franca. Conta com apoio financeiro CAPES.

² Conhecida também como Revolução Científico-Tecnológica aplicava as descobertas científicas aos processos produtivos, possibilitando o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados do petróleo. As descobertas a partir destes processos industriais foram imensas. Para se ter ideia, surgiram neste período o veículo motor, o avião, o telégrafo, o telefone, a luz elétrica, a fotografia, o cinema, dentre muitos outros. Cf. SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v3, p.07-48.

³ É válido lembrar sobre esse assunto que o Teatro Municipal de São Paulo começou a ser construído em 1903, embora fosse inaugurado apenas no ano de 1911. O viaduto do chá, por sua vez, começou a ser construído em 1890 e foi inaugurado em 1892. Ambos eram construções que simbolizariam o projeto moderno projetado para a cidade.

⁴ Sobre esse assunto ver também: FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. In: _____. *Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema*.

Recebido em: 28/11/2018.

Aprovado em: 17/12/2018.

Publicado em: 10/01/2019.